

**CARTA DO PAPA BENTO XVI**  
**AO CARDEAL FRANCIS ARINZE**  
**POR OCASIÃO DO DIA DE ESTUDO**  
**SOBRE A SANTIFICAÇÃO DO POVO CRISTÃO**

*Ao Venerado Irmão Senhor Cardeal FRANCIS ARINZE*

*Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*

Estou feliz por transmitir a minha cordial saudação a Vossa Eminência e aos participantes no Dia de Estudo, promovido por este Dicastério no aniversário da promulgação da Constituição *Sacrosanctum concilium*. Depois de ter reflectido, no passado, sobre o Martirologio Romano e sobre a Música Sacra, agora estais prestes a aprofundar o tema: "*A missa dominical para a santificação do povo cristão*". Trata-se de um tema de grande actualidade, em virtude das suas implicações espirituais e pastorais.

O Concílio Vaticano II ensina que "a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina "dia do Senhor", ou "Domingo" (Constituição *Sacrosanctum concilium*, 106).

O domingo permanece o fundamento germinal e, ao mesmo tempo, o núcleo primordial do ano litúrgico, que haure a sua origem da ressurreição de Cristo, graças à qual foram impressos no tempo os traços da eternidade. Então o domingo é, por assim dizer, um fragmento de tempo impregnado de eternidade, porque o seu alvorecer viu o Crucificado ressuscitado entrar vitorioso na vida eterna.

É mediante o evento da ressurreição que a criação e a redenção alcançam o seu cumprimento. No "primeiro dia depois do sábado", as mulheres e então os discípulos, encontrando-se com o Ressuscitado, compreenderam que aquele era "o dia que o Senhor fez" (*Sl* 118 [117], 24), o "seu" dia, o *dies Domini*. Com efeito, é assim que o entoia a Liturgia: "Oh, primeiro e último dia, resplandecente e maravilhoso dia do triunfo de Cristo".

Desde as origens, este foi um elemento estável na percepção do mistério do domingo: "O Verbo afirma Orígenes transferiu a festa do sábado para o dia em que nasceu a luz e nos deu como imagem do verdadeiro descanso o dia da salvação, o domingo, primeiro dia da

luz em que o Salvador do mundo, depois de ter completado todas as suas obras em relação aos homens, tendo vencido a morte, ultrapassou as portas do céu, superando a criação dos seis dias e recebendo o bem-aventurado sábado e o descanso beatífico" (*Comentário ao Salmo 91*). Animado por esta consciência, Santo Inácio de Antioquia chega a afirmar: "Nós não vivemos mais segundo o sábado, mas pertencemos ao domingo" (*Ad Magn.* 9, 1).

Para os primeiros cristãos, a participação nas celebrações dominicais constituía a expressão natural da sua pertença a Cristo, da comunhão no seu Corpo místico, na alegre expectativa da sua volta gloriosa. Esta pertença manifestou-se de maneira heróica na vicissitude dos mártires de Abitene, que enfrentaram a morte, exclamando: "*Sine dominico non possumus*", ou seja, não podemos viver sem nos reunirmos no domingo para a celebração da Eucaristia.

Como hoje devem ser reiteradas ainda mais a sacralidade do dia do Senhor e a necessidade de participar na Missa dominical! O contexto cultural em que vivemos, frequentemente marcado pela indiferença religiosa e pelo secularismo que ofusca o horizonte do transcendente, não deve fazer esquecer que o Povo de Deus, nascido do Acontecimento pascal, deve remontar a ele como a uma nascente inesgotável, para compreender melhor os traços da própria identidade e as razões da sua existência. Depois de ter indicado a origem do domingo, o Concílio Vaticano II acrescenta: "Neste dia os fiéis devem reunir-se para ouvir a Palavra de Deus e participar na Eucaristia, e assim recordar a Paixão, a Ressurreição e a glória do Senhor Jesus e dar graças a Deus que os "regenerou para uma esperança viva, pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos"" (Constituição *Sacrosanctum concilium*, 106).

O domingo não foi escolhido pela comunidade cristã, mas pelos Apóstolos, aliás, pelo próprio Cristo que, naquele dia, "o primeiro dia da semana", ressuscitou e apareceu aos discípulos (cf. *Mt* 28, 1; *Mc* 16, 9; *Lc* 24, 1; *Jo* 20, 1.19; *Act* 20, 7; e *1 Cor* 16, 2), renovando a aparição "oito dias depois" (*Jo* 20, 26). O domingo é o dia em que o Senhor ressuscitado se torna presente no meio dos seus, convidando-os à sua mesa e comunicando-se-lhes a fim de que também eles, unidos e conformados com Ele, possam prestar o devido culto a Deus. Assim, enquanto encorajo a aprofundar cada vez mais a importância do "Dia do Senhor", apraz-me salientar a centralidade da Eucaristia, como coluna fundamental do domingo e de toda a vida eclesial. Efectivamente, em cada Celebração Eucarística dominical realiza-se a santificação do povo cristão, até ao domingo sem ocaso, até ao dia do encontro definitivo de Deus com as suas criaturas.

Nesta perspectiva, manifesto os bons votos para que o Dia de Estudo, promovido por este Dicastério sobre um tema de tão grande actualidade, contribua para a recuperação do sentido cristão do domingo no âmbito da pastoral e na vida de todos os fiéis. Possa o "Dia do Senhor", que justamente pode definir-se também o "senhor dos dias", adquirir novamente todo o seu relevo e ser compreendido e vivido plenamente na celebração da Eucaristia, raiz e fundamento de um autêntico crescimento da comunidade cristã (cf. *Presbyterorum ordinis*, 6).

Enquanto asseguro a minha lembrança na oração e invoco sobre cada um a protecção maternal de Maria Santíssima, concedo-lhe de coração, venerado Irmão, assim como aos colaboradores e a todos os participantes neste significativo encontro, uma especial Bênção Apostólica.

*Vaticano, 27 de Novembro de 2006.*